



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
APERFEIÇOAMENTO UNIAFRO - POLÍTICAS DE IGUALDADE RACIAL  
NO AMBIENTE ESCOLAR**

**REJIANE RAQUEL LIMA SANTOS  
RENATA MICHELE GOMES DA SILVA  
RIANE GOMES DA SILVA  
RITA FERREIRA DOS SANTOS  
SILVIO JESUS DOS SANTOS**

**A HISTÓRIA DOS AFRICANOS NO BRASIL,  
CONTADA DE UM ÂNGULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2015**

**REJIANE RAQUEL LIMA SANTOS  
RENATA MICHELE GOMES DA SILVA  
RIANE GOMES DA SILVA  
RITA FERREIRA DOS SANTOS  
SILVIO JESUS DOS SANTOS**

**A HISTÓRIA DOS AFRICANOS NO BRASIL,  
CONTADA DE UM ÂNGULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Projeto de intervenção apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, do curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO - Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar, como requisito da disciplina Metodologia da Pesquisa com Foco Interventivo e Relações Étnicos-raciais.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Muniz de Souza.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2015**

**REJIANE RAQUEL LIMA SANTOS  
RENATA MICHELE GOMES DA SILVA  
RIANE GOMES DA SILVA  
RITA FERREIRA DOS SANTOS  
SILVIO JESUS DOS SANTOS**

**A HISTÓRIA DOS AFRICANOS NO BRASIL,  
CONTADA DE UM ÂNGULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Projeto de intervenção apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, do curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO - Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar, como requisito da disciplina Metodologia da Pesquisa com Foco Interventivo e Relações Étnico-raciais.

Data de aprovação: 12/12/2015.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Túlio de Souza Muniz (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lídia Lima da Silva**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fábiana Barbosa Ribeiro**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>QUADRO TEÓRICO</b>	<b>6</b>
2.1	IDENTIDADE NEGRA /AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA	9
2.2	RELAÇÕES RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR	12
2.3	CONTOS AFRICANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	13
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADO DA PESQUISA</b>	<b>16</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>17</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>18</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A história do Brasil ficou marcada pela grande presença de africanos, que foram trazidos para o país de maneira forçada pelos portugueses para trabalharem como escravo. A ligação entre África e o Brasil, se dá pelo Oceano Atlântico, o mar que os separa é também o responsável pela ligação entre eles nos tempos modernos: 4,4 milhões de africanos o cruzaram contra a vontade entre os séculos XVI e XIX.

O continente Africano tão plural tem muito a ver com o nosso país e é a fonte de muitos hábitos e tradições que marcam profundamente nosso cotidiano, por isso a trajetória dos descendentes dos africanos escravizados compõem um objeto de estudo importante para todas as crianças e os jovens, negros ou não. No entanto milhares de brasileiros ainda desconhecem a história desses africanos que aqui chegaram e a sua contribuição para a formação do nosso povo.

Durante a nossa pesquisa para fundamentação desse projeto de intervenção, surgiu a seguinte problemática: Se o Brasil têm essa forte ligação com a África, por que será que esse desconhecimento continua acontecendo no século XXI?

Vários fatores de ordem política, ideológicos e dominantes contribuíram para forte influência do preconceito no Brasil. Infelizmente, a imagem que se tem da África e de seus descendentes não é relacionada com produção intelectual nem com tecnologia. Ela descamba para fome, famílias miseráveis, povos doentes e em guerra ou paisagens de safáris e mulheres de cangas coloridas. Essas idéias distorcidas desqualificam a cultura negra e acentuam o preconceito, do qual 45% de nossa população é vítima.

Embora o Brasil tenha tardiamente elaborado leis que norteiam ações para reparação das desigualdades raciais, na prática elas ainda não se aplicam. Acredita-se que a escola é uma forte aliada na disseminação das leis, pois exerce um papel determinante para construção, não só do conhecimento, mas também da identidade, de valores, de afetos, enfim, é onde o ser humano, sem deixar de ser o que é se molda de acordo com sua sociedade.

Este projeto de intervenção, busca ampliar o conhecimento em torno de aspectos pertinentes a discussão da proposta das relações étnicas raciais e da Lei 10.639/03 nas escolas de todo o território nacional, porém o nosso foco de pesquisa foi na Escola de Educação Infantil - Cantinho da Alegria, localizada no município de São Francisco do Conde-BA. Considera-se a educação infantil etapa importante e essencial na aprendizagem da criança, pois acredita-se que quanto mais cedo as crianças tem acesso ao conhecimentos voltados para as questões étnico-raciais, essas formarão uma base sólida sobre a riqueza, as diferenças e a

diversidade da cultura africana e suas influências na história e na cultural do povo brasileiro, provocando nas crianças a construção de uma consciência crítica.

Portanto, é de fundamental importância conhecer a fundo a História dos africanos no Brasil, promovendo o debate em sala de aula, para que os educandos possam aprender a conviver com as diferenças, entender e compreender nossa história para que possamos remover ou até mesmo minimizar essa disparidade. Sendo, assim, a nossa proposta é trabalhar na educação infantil com contos africanos, que é uma forma de resgatar tradições já esquecidas como a contação de histórias, pois é também por meio das palavras que um mestre contador de histórias valoriza a cultura de seu povo e ensina seus ouvintes sobre os mais diversos assuntos.

Esse projeto de intervenção no seu quadro teórico tem como objetivo fazer uma breve abordagem sobre a História dos negros saídos da África para serem escravizados no Brasil; identidade Negra /Africana e Afro-brasileira; relações raciais no ambiente escolar e contos africanos.

## **2 QUADRO TEÓRICO**

Metade dos nossos antepassados no período de escravidão, entre os séculos XVII e XIX, veio de várias partes da África. As diversas línguas que falavam acabaram por mudar o português existente no Brasil. Mudando da estética à culinária, dos costumes à religião, influências numerosas que perduram.

A história do continente africano faz parte da história do Brasil, antes, durante e depois do tráfico negreiro. Os três séculos de comércio de escravos ligam indissolavelmente os acontecimentos africanos, sobretudo os da África Atlântica, à vida brasileira. Há toda uma história do Atlântico. Uma história de disputas comerciais e políticas, de desenvolvimento da navegação e de migrações consentidas e forçadas.

Durante muito tempo, o continente africano foi visto como uma sociedade sem história, sem cultura, sem civilização. Mas, os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização feita pelos europeus, eram bambambãs em várias áreas: eles dominavam técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia; usavam sistemas matemáticos elaboradíssimos para não bagunçar a contabilidade do comércio de mercadorias; e tinham conhecimentos de astronomia e de medicina que serviram de base para a ciência moderna. A biblioteca de Tumbuctu, em Mali, reunia mais de 20 mil livros, que

ainda hoje deixariam encabulados muitos pesquisadores de beca que se dedicam aos estudos da cultura negra.

Infelizmente, a imagem que se tem da África e de seus descendentes não é relacionada com produção intelectual nem com tecnologia. Ela descamba para moleques famintos e famílias miseráveis, povos doentes e em guerra ou paisagens de safáris e mulheres de cangas coloridas. "Essas idéias distorcidas desqualificam a cultura negra e acentuam o preconceito, do qual 45% de nossa população é vítima", afirma Glória Moura, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília (UnB).

Os negros foram arrancados do seu continente e vendido como mercadoria no Brasil do século XVI ao XIX, para fortalecimento da mão-de-obra, e como tal era indispensável. O negro não veio de um continente desorganizado, sem cultura, sem tradição e sem passado. Mas para o europeu colonizador da África era diferente, para este o negro africano era um ser inferior e que só servia para servir, um objeto, uma coisa, ignorando sua história e sua personalidade.

Durante muitos anos no Brasil aprendemos que os africanos aqui vieram por falta de mão de obra de qualidade por parte dos indígenas que eram considerados preguiçosos, diante disso os africanos vieram para substituí-los, sendo que não fora explicado o porquê os trouxeram ou qualquer razão para tal. Ao longo da história dos africanos no Brasil, começavam a surgir pessoas interessadas em saber o que de fato aconteceu e como se deu a vinda desses para nosso país. Começa aí os estudos mais aprofundados e que logo iria trazer respostas precisas para aqueles interessados na história dos africanos. Os africanos não só trouxeram o trabalho escravo mais braçal para o nosso país, como também foi um ponto forte na formulação da cultura do Brasil.

Foi na condição de escravos que africanos e seus descendentes chegaram aos locais mais remotos da colônia. Mas apesar da escravidão os africanos foram atores culturais importantes e influenciaram as formas de viver e de sentir das populações com que passavam a interagir no novo mundo. Os Europeus os trouxeram para trabalhar e servir nas grandes plantações e nas cidades, mas eles e seus descendentes fizeram muito mais do que plantar, explorar as minas e produzir riquezas materiais.

Os africanos para aqui trazidos como escravos tiveram um papel civilizador, foram elementos ativos, criadores, visto que transmitiram à sociedade, em formação, elementos valiosos da sua cultura. Muitas das práticas da criação de gado eram de origem africana e a mineração do ferro no Brasil foi aprendida dos africanos. Com eles a língua portuguesa não apenas incorporou novas palavras, como ganhou maior espontaneidade e leveza. Enfim, podemos afirmar que o tráfico fora feito para

escravizar os africanos, mas terminou também africanizando o Brasil. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Apesar de os trazerem com a função de servir aos senhores e serem apenas escravos de um país totalmente totalitário e vivendo um sistema completamente europeu, os africanos foram bem mais que meros servos eles ajudaram a construir e desenvolver o Brasil, trazendo na bagagem seus saberes, suas inteligências, suas criações e sua cultura fortíssima no nosso país nos dias atuais com força ainda maior. Portanto, o tráfico que foi feito de forma sub humana e devastadora, terminou servindo como um fortalecimento e enriquecimento da nossa forma de trabalhar, agir, pensar, enriquecer o nosso vocabulário dentre outros pontos muito ricos para o pleno desenvolvimento do nosso país.

O processo histórico do Brasil se deu de forma arbitrária e possessiva, por isso os europeus desenvolveram suas ideias de poder fundamentadas no etnocentrismo. Dessas práticas de poder centralizadas no poder e na dominação, foram sendo construídas as ideologias racistas como forte de princípio de verdade por um grupo social, intitulados de Brancos.

Diante do exposto, mesmo passados 127 anos de abolição, ainda há fortes reflexos do que as teorias raciais e apolítica do branqueamento causaram no País, já que os afodscendentes, ou melhor, os negros brasileiros, ainda são classificados e descriminados por sua cor, cultura e traços físicos, como nos chama a atenção Nogueira, ao dizer que:

(...) mesmo de um grupo de irmão, filhos de um casal misto, cuja cor varie do claro ao escuro, uns se incorporarão sem problema ao grupo branco, outros terão uma situação ambígua e outros, finalmente, terão sempre contra si o percalço da cor [...]. Em outras palavras, a percepção da cor e outros traços negróides é „gestáltica“, dependendo, em grande parte, a tomada de consciência dos mesmos pelo observador, do contexto de elementos não-raciais (sociais, culturais, psicológicos, econômicos) a quem esteja associados - maneiras, educação sistemática, formação profissional, estilo e padrão de vida - tudo isto obviamente ligado à posição de classe, ao poder econômico e à socialização daí decorrente. (NOGUEIRA, 1985, p. 6-7)

Os argumentos ideológicos que sustentam o discurso da inferioridade da raça negra negam as particularidades do escravismo dos negros africanos inseridos no capitalismo mercantil e ignoram a contribuição dos povos africanos na criação e sustentação de civilizações, advieram da necessidade dos povos europeus justificarem sua hipotética superioridade. Assim, a ideia da superioridade da raça branca, supostamente comprovada pela ciência, passou a justificar procedimentos de dominação de outros povos, como a escravidão, a conquista, o colonialismo e o imperialismo. A idéia das chamadas raças humanas surgiu



quando cientistas europeus quiseram categorizar as diferenças entre os seres humanos oriundos de regiões afastadas da Europa. Aparências distintas foram associadas a supostas diferenças biológicas, constituindo o conceito geográfico de “raça”. Imaginou-se uma hierarquia de capacidade intelectual e civilizatória em que as raças não européias seriam classificadas como inferiores.

## 2.1 IDENTIDADE NEGRA /AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Segundo Philip Gleason (1980), apesar das inúmeras produções existentes e apesar de todos os esforços empenhados, ainda não conseguimos ter uma resposta satisfatória à pergunta: o que é a identidade?

O referido autor afirma que o uso responsável do termo necessita de uma sensibilidade às complexidades intrínsecas ao assunto e maior atenção à demanda de precisão e consistência na sua aplicação. Porém, a enorme popularização do termo tem resultado em um efeito oposto, tornando o termo identidade cada vez mais difuso e próximo de um clichê, encorajando, assim, um crescente uso mais relaxado e irresponsável do mesmo.

Se a discussão sobre a identidade já é permeada de tanta complexidade e usos diversos, o que não dizer quando a ela somamos os adjetivos pessoal, social, étnica, negra, de gênero, juvenil, profissional, entre outros?

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros ( identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994: 177-178).

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural.

Para entender a construção da identidade negra no Brasil é importante também considerá-la não somente na sua dimensão subjetiva e simbólica mas sobretudo no seu sentido político, como uma: tomada de consciência de um segmento étnico-

racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil (MUNANGA,1994: 187).

É necessário também avançar na compreensão do que significa raça na sociedade brasileira. Esta, ora assume o sentido e a ressignificação política dada pelos próprios sujeitos negros, principalmente os adeptos das mais diversas formas de militância, ora é uma categoria social de exclusão social.

Segundo Kabengele Munanga, esse entendimento poderá nos ajudar a desvendar a especificidade do racismo em nosso país e compreender melhor os próprios discursos antirracistas que reúnem tanto os pensadores da chamada direita, quanto os da esquerda. Os de direita acusam os negros em busca da afirmação da sua identidade de criar falsos problemas ao falar de identidade negra numa sociedade culturalmente mestiça; os de esquerda muitas vezes os acusam de dividir a luta de todos os oprimidos, cuja identidade numa sociedade capitalista deveria ser a mesma de todo e qualquer oprimido (MUNANGA,1994).

O debate sobre a causa negra surge como parte dos movimentos sociais que se fortalecem em torno dessa identidade negra, da cidadania, seja por meio da politização em torno de uma consciência negra com a sua cultura, tentando marcar uma cidadania diferenciada, cidadãos com direitos e enquanto negros, afirmados pela sua cultura, ou seja, através das suas práticas religiosas, culturais como sua música, suas práticas esportivas como a capoeira e outros. Oliveira (2006, p.136) diz:

A identidade negra foi (...) colorida e repintada nas cores da tradição afro-brasileira. Identidade que se afirma como projetopolítico e como construção cultural. Identidade que é ao mesmo tempo resgate e criação. Ipseidade e alteridade. A contínua construção da identidade afrodescendente é uma necessidade da experiência da forma cultural afro-brasileira.

Este retorno às origens perpassa por caminhos cada vez mais carregados de significados míticos, simbólicos, marcados pela tradição oral e pelos ancestrais. Nos espaços de religiosidades africanas valorizam-se as tradições das religiões dos ancestrais africanos que conservaram na oralidade um arquivo valioso da memória daqueles que aqui chegaram e lutaram pela liberdade. A base da forma do pensamento africano e do agir das suas sociedades, encontra-se nos seus valores culturais que integram e definem essas sociedades, é através das histórias contadas de geração a geração que se conserva a sabedoria e o conhecimento. Oliveira (2007, p. 275) nos aponta que:

...a produção do conhecimento, a obediência à norma da ancestralidade (“respeita os idosos”), a vivência do princípio político por excelência: garantir o bem de todos e de cada um (“trabalhar para o progresso da família e da comunidade”) e a integração como o meio ambiente são pilares fundamentais da educação africana e afrodescendente. Todo o esforço social africano está voltado para o bem-estar da comunidade.

Um grande valor cultural, além de um aspecto essencial para a conservação da tradição, dos mitos e das lendas é a oralidade. Na oralidade os saberes e poderes são compartilhados, transmitidos, legitimados, é por meio dela que a palavra se faz elemento produtor da história, elemento formador da essência da comunidade, criando a essência da comunidade, do indivíduo e de tudo que existe, ela tem origem divina e está impregnada em todas as atividades do homem. A palavra é sagrada, assim a escuta também o é. Assim, a tradição oral é preservada e os princípios e valores continuam sustentando e preservando as identidades da comunidade. Oliveira (2007, p.237) afirma que:

A maioria das culturas africanas encerra sua sabedoria na forma narrativa dos mitos. Talvez porque os mitos não segreguem as esferas do viver. Não separa religião de política, ética de trabalho, conhecimento de ação. Talvez, também, porque o mito mantenha seu poder de segredo e encantamento, pois ao mesmo tempo em que revela, esconde e, ao mesmo tempo em que oculta, manifesta. E num caso ou no outro ele encanta, seja pela beleza explícita seja pela beleza encoberta. Em todo o caso a ética vem travestida de estética, seja na palavra, no vestuário, na música, na dança ou na arte. A vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que tem a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade que se quer conhecer.

A essência da comunidade e do indivíduo pertencente a ela é determinada pela ancestralidade, esta se caracteriza como um princípio histórico que incorpora as regras da vida material e imaterial, pois a concepção do universo é constituída do mundo visível e invisível, regendo todas as estruturas dinâmicas da sociedade, representando também a preservação de costumes, da tradição. Ancestralidade é uma raiz sentimental, que recria, atualizando-se na universalidade, a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, suas manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade e preservação, integração, sua cultura.

África é um continente com diversas culturas, línguas e povos, onde as raízes das civilizações são intensas e a cultura se entrelaça com as práticas do dia a dia. Sua cultura é continuamente celebrada nos seus valores, suas crenças, costumes, tradições, suas danças e canções, nas práticas rituais, nos cultos aos ancestrais... um continente plural marcado por uma grande diversidade étnica e cultural. O negro africano e suas diversas línguas mudaram

não apenas o português existente no Brasil, mas também a estética, a culinária, os costumes e até mesmo a religião, numerosas influências que perduram nos transformando na maior população afro-descendente concentrada fora do continente africano.

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as).

## 2.2 RELAÇÕES RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Acreditamos que analisar o racismo no ambiente escolar, vem ajudando os professores a questionar e indagar o aprendizado adquirido ao longo dos anos e o quanto é importante trazer a tona os conhecimentos adquiridos ou até mesmo ir à busca de elementos que ampliem essa linha de pesquisa e conhecimento do assunto para assim poder abordar em sala de aula. No sentido de compreender categorias importantes, indispensáveis nesse trabalho, a exemplo de racismo, preconceito racial, relações étnico-raciais, educação anti-racista, iremos nos aprofundar de alguns teóricos para assim estudar o racismo no cotidiano, tal como se manifesta em práticas sistemáticas, recorrentes e familiares, ajuda-nos a compreender de que forma a diferença é geradora de desigualdades sociais e relações em vários ambientes. Para isso se faz necessário estarmos atentos à história do termo raça, estando atento para o seguinte escrito de Munanga (2003):

O campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. (MUNANGA, 2008, 3ªed, p. 19).

Miscigenação é um termo usado por alguns para descrever as relações raciais no Brasil. O termo denota a crença de que o Brasil não escapou do racismo e da discriminação racial apesar de ser um dos países mais afrodescendentes que existe na diáspora. Pesquisadores descrevem que a maioria dos brasileiros não se vêem pelas lentes da discriminação racial, e não prejudicam ou promovem pessoas baseadas na raça. Portanto enquanto a mobilidade social dos brasileiros pode ser reduzida por vários fatores, como sexo e

classe social, a discriminação racial seria considerada irrelevante. A Democracia Racial, no entanto, é desmitificada por sociólogos e antropólogos que estudam casos de preconceito racial e por dados de violência motivada por diferenças raciais. O preconceito está intrínseco à sociedade: ainda que a maioria afirme não ser preconceituosa, afirma que conhece alguém que o é. Portanto a democracia racial é uma meta que ainda está longe de ser atingida e um mito da sociedade brasileira que tenta criar uma imagem positiva que não coincide com a realidade. A escola precisa colocar os alunos em contato com os elementos que formam cada grupo étnico brasileiro, para que eles sejam capazes de compreender a complexidade dessas identidades e, assim, se afirmar não apenas pela cor da pele ou do cabelo, mas também por outros elementos. Apesar de os conteúdos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana contemplarem esse esforço, ações específicas sobre a afirmação de cada identidade devem ser empreendidas nas escolas. Na escola, a inclusão no currículo de conteúdos que tratam da história e cultura africana e afro-brasileira é um dos passos para o combate ao racismo, mas essa não pode ser a única ação. Os alunos e o restante da comunidade escolar precisam ser sensibilizados para o tema, de maneira que possam reconhecer o racismo em suas próprias atitudes e mudá-las. É preciso ter cuidado para não naturalizar ações que podem ser racistas e tratá-las apenas como brincadeira ou desentendimentos naturais. Trocas de ofensas, brigas e bullying devem ser tratadas com cuidado especial quando envolvem grupos historicamente discriminados, e isso deve estar claro no regimento escolar. Mais do que lidar com casos isolados ou abordar o tema apenas em datas comemorativas, a rotina da escola deve ter momentos de reflexão sobre o tema.

### 2.3 CONTOS AFRICANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalhar a fantasia e a imaginação na educação infantil é de fundamental importância para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas o seu eu e o outro. No faz de contas as crianças aprendem a agir com o imaginário e assim terminam por desenvolver melhor seu lado cognitivo, em função de diversas imagens como: de uma pessoa, ou através dos personagens, é dessa forma que os contos povoam o universo infantil principalmente aqueles de caráter europeu como os de Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho dentre outros. Diante disso acabamos por deixar de lado os contos africanos, indígenas dentre outros que não são utilizados de forma significativa no nosso cotidiano escolar. Portanto para que os educadores respeitem a diversidade, é de fundamental importância que passemos a utilizar a

riqueza cultural dos diversos povos existentes no país como exemplo forte os contos africanos. Nesse sentido vale apenas pesquisar e trabalhar as diversas possibilidades existentes, histórias como A menina bonita do laço de fita, o cabelo de Le lê, A galinha d'angola são alguns dos diversos contos africanos disponíveis para serem trabalhados em sala de aula. A coleção Africanidades traz diversos temas para ser trabalhados em sala de aula, esse projeto irá desenvolver sua temática com o livro da coleção Africanidades “A história dos africanos no Brasil. Material rico em conteúdo e imagens ilustrativas, onde o professor consegue desenvolver uma aula lúdica e dinâmica com seus alunos basta usar a criatividade e imaginação, atrelado ao conteúdo desenvolvido no material que os alunos irão aprender de forma prazerosa e enriquecedora.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil explicitam em seu texto: “O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico raciais e religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da educação infantil” (BRASIL, 2009a, p.10).

Conhecer as crianças no seu cotidiano, abarcando desde suas trajetórias socioculturais e familiares até suas características físicas, socioeconômicas, afetivas e psicológicas, e saber escutar e interpretar seus desejos, interesses e motivações são ações fundamentais para a proposição do projeto de intervenção que apresentamos na Escola Cantinho da Alegria.

### **3 METODOLOGIA**

O desenvolvimento deste projeto de intervenção estruturou-se inicialmente no estudo teórico que permitisse um aprofundamento dos conceitos sobre Identidade, Educação Infantil, relações raciais no ambiente escolar e afirmação da identidade negra, que no mais, contribuíram na construção de uma análise apurada da realidade vigente nas escolas no que tange a prática educativa na perspectiva proposta.

A proposta interventiva aconteceu da seguinte forma: diagnóstico prévio com a turma a respeito do tema; exibição de vídeo; roda de leitura; apresentação de contos africanos; exposição de objetos da cultura africana.

1 - Inicia-se à aula com apresentação da equipe e explicação dos objetivos da atividade, depois perguntou-se aos alunos o que eles conheciam a respeito da África e de sua cultura? Exibição de um vídeo de 10 minutos “Breve história da cultura

africana”. Em seguida, conversamos com eles a respeito do que assistiram e o que ainda não sabiam que era influência da cultura africana na cultura brasileira.

2 - Em seguida, fizemos uma roda para a leitura do livro “Africanidades – A história dos Africanos no Brasil”. Durante as leituras, estimulamos os alunos a analisarem as características desse tipo de texto, fazendo boas perguntas, como: Onde se passa a história do livro? Quem são os personagens apresentados? O que há da África em nós? Vocês conheciam os contos africanos para compartilharem com os demais colegas? O que podemos aprender com eles? O que vocês conseguiram aprender com as atividades?

3 - Para estimular ainda mais o interesse dos alunos pelos contos, preparamos uma apresentação de um deles que a turma ainda não conhecia e contamos oralmente para o grupo, assim como a tradição africana de contar histórias.

4 - Ao final da exploração dos conteúdos, conversamos com eles a respeito de uma característica forte na literatura africana: a oralidade.

5 - Finalização da atividade explicando que a história e a memória de diversos povos africanos fazem parte da cultura brasileira, principalmente as relacionadas à literatura oral de lendas, contos e mitos. Assim, trazer contos africanos para a sala de aula é uma forma de resgatar tradições já esquecidas como a contação de histórias, por exemplo. Para a cultura africana, as palavras têm poder e ignorá-las é considerado uma falha grave, pois é por meio das palavras que um mestre contador de histórias valoriza a cultura de seu povo e ensina seus ouvintes sobre os mais diversos assuntos.

6 - Exposição de peças, materiais, instrumentos, roupas e artesanatos da cultura africana.

#### 4 RESULTADO DA PESQUISA

Essa proposta foi apresentada em forma de projeto de intervenção à Direção da Escola Cantinho da Alegria para ser desenvolvido na turma do G.V. A Escola recebeu os componentes da equipe de forma acolhedora, prazerosa, harmoniosa e com muito respeito, participando de todo o processo e atuando de forma significativa para alcançarmos nossos objetivos. O projeto de intervenção serviu de forma a promover aprendizagens integradas e situadas para todos os envolvidos no processo educativo. Não surgiu como um método ou receita, mas um formato que ganha configurações diversas para o grupo de alunos, professores e familiares. Nessa etapa de escolarização o profissional da educação e o familiar envolvido têm o papel fundamental de dar segmento e manter essa relação sempre muito bem elencada. Isso porque se relacionam diretamente com as experiências e os saberes que envolvem todos os atores da educação e também suas comunidades. E todas essas bagagens refletem-se nas indagações, temas e problemáticas abordadas no projeto, tornando-se motores para a busca de soluções, respostas e propostas, e para a apropriação e a continuação do projeto e a inserção de conhecimentos. O projeto visa deixar a contribuição dada a escola de forma lúdica e prazerosa e que os envolvidos nesse processo busque da continuidade e vá em busca de conhecimentos das Leis, livros, artigos e Diretrizes Curriculares Nacionais que foquem no estudo dos africanos no Brasil e dos seus afro descendentes Ambos os temas podem ser enriquecido a partir das experiências do professor(a) da educação infantil, e do conhecimento de cada turma e demais integrantes da comunidade escolar.

Como sujeitos ativos e participantes da aprendizagem, as crianças podem, através do seguimento do projeto pelos professores:

- demonstrar o que sabem (observando, comparando, testando, refletindo, sistematizando);
- trocar experiências e repertórios com parceiros e interlocutores privilegiados;
- buscar, de modo organizado, o que precisam para conseguir solucionar problemas e/ou tomar parte das situações;
- testar procedimentos e aplicar novos conhecimentos;
- ampliar, transformar, confirmar e modificar a rede de conhecimentos; e
- adquirir novas competências e aplicá-las em outras situações sociais.



## 5 CONCLUSÃO

A Lei 10.639/03 se destaca em um campo que tem buscado contribuir sobre a responsabilidade da escola no que diz respeito aos profissionais que são chamados a entender estes alunos, como se fossem não apenas mais um grupo da diversidade formado nas escolas. E para isso precisa ser aceito, incluídos e pronto, é nesse aspecto que as relações étnico reaparece com um novo formato educacional, visando a aceitação e o respeito destes alunos.

Portanto quando se trata da questão da educação e relação racial dos alunos, deve-se refletir, antes de qualquer coisa, sobre as possibilidades e os limites de um projeto educacional com qualidade para todos.

Vimos que na cultura africana a fala ganha força, forma e sentido, significado e orientação para a vida. A palavra é vida, é ação, é jeito de aprender e ensinar. “O poder da palavra garante e preserva ensinamentos, uma vez que possui uma energia vital, com capacidade criadora e transformadora do mundo. A tradição oral pode ser vista como um cabedal de ensinamentos, saberes e conhecimentos que veiculam e auxiliam homens e mulheres, crianças, adultos/as e velhos/as a se integrarem no tempo e no espaço e nas tradições. Sem poder ser esquecida ou desconsiderada, a oralidade é uma forma encarnada de registro, tão complexa quanto a escrita, que se utiliza de gestos, da retórica, de improvisações e de danças como modos de expressão.

A matriz africana mantém parte de sua essência pela tradição de contar e vivenciar histórias míticas, consideradas práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores, para o autoconhecimento, socialização de saberes e convivência comunitária.

Concluimos então que a Contação de Contos Africanos na Educação Infantil é significativa para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais que a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de **Uma história do negro no Brasil** / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. \_Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm)>.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. --Brasília : MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>>.

\_\_\_\_\_. Grupo de Trabalho Interministerial. **Contribuições para a Implementação da Lei 10639/2003: Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10639/2003**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/contribuicoes.pdf>.

COSMOVISÃO Africana no Brasil – Elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba, Editora Gráfica Popular, 2006. **Revista Biblioteca entre livros** – Vozes da África. Edição especial Nº 06. Editorial: Duetto. Impressão: Ediouro Gráfica. [www.revistaentrelivros.com.br](http://www.revistaentrelivros.com.br)

COSTA E SILVA, Alberto. **A manilha e o limbambo – a África e a escravidão de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2002. REIS, João José. “Notas sobre a escravidão na África pré-colonial”. Estudos Afroasiáticos, nº 14 (1987), pp. 5-21. THORNTON, John.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da Ancestralidade – Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Curitiba, Editora Gráfica Popular, 2007.  
**Orientações e Ações para a Educação das Relações Etnicorraciais**. Brasília: MEC/Secad, 2006.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo, Editora Ática, 2. ed, 2007.